



ESHOJE

25

ANOS DE
ESPÍRITO
SANTO

Fundado em 19 de julho de 2000
por Carlos Roberto Coutinho

Vitória, 4 de maio de 2026)) Ano XXV)) Nº 1291
Edição Gratuita Diário)) www.eshoje.com.br

 /eshoje  @eshoje  eshoje  eshoje

DIVULGAÇÃO

ARTIGO

O que artes marciais,
música e a língua
estrangeira ensinam?)) 2



CULTURA

Marinilda Boulay e a arte
naïf no Espírito Santo,
no Brasil e no mundo)) 4



DIVULGAÇÃO

Corpo de Bombeiros: entre chamas, resiliência e farda

Conheça a realidade dos profissionais capixabas que unem conhecimento técnico ao desafio emocional de lidar com grandes desastres e perdas)) 3

ESHOJE



DARTAGNAN DA SILVA ZANELA

Grandezas desenhadas

Há algumas questões que deveriam ser consideradas centrais quando o assunto é a educação, mas que, na época em que vivemos, acabam sendo varridas para debaixo do tapete da vida. A primeira delas é, conforme nos ensina a professora Inger Enkvist, que o aprendizado — pouco importa do que seja — exige o esforço de quem pretende aprender, o qual deve comprometer-se por inteiro naquilo que está executando para realmente fazer-se presente; e esse esforço pressupõe uma consequente mudança na personalidade do sujeito como nos ensina Hugo de São Vitor.

Sua atitude diante da vida, frente a si mesmo e perante os estudos deve, gradativamente, levá-lo a transubstanciar-se da água para o vinho, deixando as atitudes dispersivas para trás e centrando-se em novas ações de forma responsável.

Um detalhe que muitíssimas vezes é desdenhado é o fato de que o aprendizado — repito, de qualquer coisa — não existirá se este não levar o aluno a sofrer uma transformação tangível porque o aprendizado, seja do que for, presume a conquista, a realização de metas de curto, médio e longo prazo.

Tomemos como exemplo as

artes marciais, a música e o aprendizado de uma língua estrangeira. Me digam uma coisa: um carateca pode tornar-se um faixa preta (primeiro dan) sem dominar com o mínimo de maestria as técnicas exigidas? Não. Ele pode passar de uma faixa para outra se não atingir o desempenho que é exigido para alcançar a nova graduação? Novamente, não. Um guitarrista pode ser considerado um músico se não tiver as habilidades mínimas indispensáveis para executar algumas músicas? Outra vez, não. Por fim, uma pessoa que não é capaz de ler uma obra em uma língua estrangeira e man-

ter uma conversação com um nativo desta pode ser considerada um indivíduo fluente? Mais uma vez, não.

Porém, todavia e entretanto, toneladas e mais toneladas de estudantes, todos os anos, obtêm a devida certificação de conclusão do Ensino Médio e do Fundamental detendo apenas algumas noções rudimentares daquilo que deveriam saber com um mínimo de razoabilidade; e a isso, em nosso triste país, dá-se o nome de educação.

Os apressadinhos, de forma assanhada, rapidamente preparam as suas pedras gastas para atirar e responsabilizar os pro-

fessores — e sim, estes, como todos, têm a sua cota de responsabilidade —; entretanto, é importante lembrar que essa farra de aprovação a torto e a direito não é algo realizado porque os docentes assim desejam, mas sim porque autoridades, preocupadas fundamentalmente com números vistosos, que tenham um apelo publicitário garboso, o exigem.

E como a transformação do aluno, que é o cerne da educação, não é algo que possa ser reduzido a numerozinhos pomposos, ela acaba sendo desdenhada e, em seu lugar, termina sendo colocado algum slogan

pomposo, como "protagonismo juvenil", que soa bonito, mas não quer dizer muita coisa.

Ora, por mil raios e trovões, como é possível falar em protagonismo quando todo o sistema educacional induz os alunos a agirem de modo inconsequente? Isso mesmo. Um sistema que permite a qualquer um avançar de uma etapa para outra no jogo escolar está, de forma sutil, ensinando o quê para as tenras gerações? Que nada tem consequência, que eles podem fazer o que quiserem e que "essa é toda a lei" — apesar da quantidade mastodôntica de leis de que dispomos em nosso triste país.

Seja no impresso ou no digital



Aqui você realiza, no melhor preço de mercado, a sua publicação legal.

Certificação Digital credenciada pelo ICP-Brasil

Atas, Licença Ambiental, Balanço, Edital e, Atos Oficiais

Contato: Bianca Coutinho
bianca@eshoje.com.br



A opinião dos colunistas não reflete o posicionamento do veículo.

TIRAGEM: Publicação digital e impressa
CIRCULAÇÃO: Grande Vitória e digital
PERIODICIDADE: Semanal

Rua Carlos Lindenberg, 40.
Ed San Gennaro, sala 201. Jardim Camburi. Vitória ES. Cep 29092-110
Tel. 27 2180-0678
www.eshoje.com.br
redacao@eshoje.com.br

DIRETOR GERAL
Carlos Roberto Coutinho
carlos@eshoje.com.br

DIRETORA ADMINISTRATIVA
Bianca Coutinho
bianca@eshoje.com.br

DIRETORA DE REDAÇÃO
Danieleh Coutinho - MTB/ES 2694-JP
danihcourtinho@eshoje.com.br

PROJETO GRÁFICO
Renon Pena de Sá
www.ellaform.com.br

FOTOGRAFIAS
Arquivo
redacao@eshoje.com.br

DIAGRAMAÇÃO
Jeferson Louis - MTB/ES 3605/ES

REDAÇÃO
Carolina Boueri
Eduardo Aencar
Esthefany Mesquita
Giulia Reis
Karla Silveira
Mariana Cicilioti
Thierry Khalil
PH Caetano
Mary Martins

SIGA NOSSAS REDES SOCIAIS:

 /eshoje

 @eshoje

 eshoje

 eshoje

Além das chamas: farda com ciência e resiliência

No Dia Internacional do Bombeiro, conheça a realidade dos profissionais capixabas

CAROLINA BOUERI
jornalismo@eshoje.com.br

Celebrado globalmente em 4 de maio, o Dia Internacional do Bombeiro nasceu de uma tragédia na Austrália em 1998, transformando-se em um símbolo de reconhecimento àqueles que fazem do risco o seu cotidiano.

No Espírito Santo, essa história já soma 112 anos de evolução. Se no início a corporação contava com apenas 13 integrantes, hoje são 1.300 homens e mulheres que provam, diariamente, que a profissão exige muito mais do que coragem física: exige ciência, técnica e um preparo psicológico de ferro para enfrentar o que a natureza e o destino impõem.

Um dos pontos que mais surpreende quem observa de fora é a bagagem acadêmica que sustenta as operações de socorro. No Corpo de Bombeiros Militar do Espírito Santo (CBMES), é comum encontrar especialistas em diversas áreas. O major Willi e o capitão Scardini, por exemplo, trouxeram da Engenharia a base para cálculos estruturais e vistas técnicas.

Já o sargento Rafael, com formação em Geografia e cursando Arquitetura, utiliza o conhecimento sobre relevo e espacialidade para otimizar resgates.

"É uma atividade multidisciplinar. Tem lugar para todo tipo de conhecimento no Bombeiro", destaca o major Willi. Essa visão técnica é aplicada em momentos críticos, como análises de risco de desabamento ou na complexa logística de grandes eventos. A engenharia não está apenas nos livros; ela está no cérebro do militar que analisa a estabilidade de uma estrutura condenada ou a viabilidade de uma rota de fuga em segundos.

O RIGOR QUE MOLDA

A transição do mundo civil para a caserna é um "choque de realidade". Durante os meses de formação, o rigor com a farda impecável e o coturno engraxado não é vaidade, mas um exercício de atenção aos detalhes. Para esses profissionais, a disciplina é a ferramenta que molda a mente para manter a calma sob pressão.



A corporação dos bombeiros militares do estado do Espírito Santo é uma instituição que tem mais de 100 anos

Quem se dedica à perfeição de um nó ou à manutenção de um cilindro de oxigênio com zelo, estará mais apto a seguir protocolos rígidos quando a vida de alguém depender disso.

O sargento Rafael explica que a farda representa a instituição. "Quando chegamos, somos o Corpo de Bombeiros. A imagem da corporação não pode ser arranhada". Esse cui-

dado minucioso reflete-se no atendimento: o bombeiro precisa ser a figura de equilíbrio em meio ao caos. No Dia Internacional do Bombeiro, o reconhecimento vai além da cora-

gem de entrar onde todos tentam sair: celebra-se a capacidade humana de processar o trauma e, ainda assim, estender a mão para salvar o próximo.

Peso do desastre, frustração da lama

A CARREIRA de um bombeiro é marcada por cenários que testam os limites da alma. O capitão Scardini relembra o impacto de atuar em Brumadinho logo no início de sua trajetória. O ímpeto de encontrar sobreviventes foi confrontado por um "mar de lama e rejeitos" onde a destruição era absoluta.

"A gente pensa: como ficamos pequenos numa situação de desastre dessas", recorda. O clamor das famílias, apontando para onde ficavam suas casas agora submersas, é uma carga emocional que acompanha o militar muito depois de a ocorrência ser encerrada.

O major Willi reforça essa percepção ao citar a força da natureza, como nas chuvas de 2013 que devastaram cidades capixabas. Ver casas descendo morros e comunidades inteiras isoladas gera uma sen-

sibilização que, embora controlada pela técnica, nunca desaparece. "A gente não acostuma; a gente se sensibiliza", define.

Se enfrentar o fogo é um desafio, o golpe mais duro é quando a emergência envolve um dos seus. O sargento Rafael e o major Willi compartilham memórias dolorosas de colegas que partiram em serviço. Relatos de acidentes com viaturas ou quedas em operações de salvamento — como o caso do militar que perdeu a vida ao tentar resgatar um animal — ecoam nos corredores dos quartéis como lembretes constantes da finitude humana.

A dor é amplificada pela proximidade. "Muitas vezes, demorei a reconhecer um colega no acidente pelo estado em que ele ficou", conta Rafael. O abalo de receber a notícia de que amigos com quem



Bombeiros militares capixabas ajudaram no resgate das vítimas de Brumadinho

se tomou café pela manhã não voltarão para casa é o teste definitivo de resiliência. Nessas horas, a estrutura militar e o apoio mútuo tornam-se o único amparo.

Diante de tantas perdas e cenários de dor, a saúde mental tornou-se pauta urgente. A corporação mantém setores de assistência social e psicologia, mas é no "espírito de corpo" que a cura muitas vezes começa. O colega de farda acaba sendo o terapeuta imediato, aquele que percebe o olhar distante ou o abatimento após uma noite difícil.

"A gente é profissional, é técnico, tem família para voltar. Mas somos pessoas, filhos, pais e maridos", pontua o sargento Rafael. Reconhecer que o "herói" também precisa de alento é o que garante que esses profissionais continuem prontos para o próximo chamado.

DIVULGAÇÃO

Marinilda Boulay e a circulação da arte naïf

Com Angela Gomes e Mônica Kruger a artista está na exposição “Elas”, em Nova Venécia

Redação Multimídia
jornalismo@eshoje.com.br

Artista Marinilda Boulay construiu uma trajetória no campo da arte autodidata, com produção que dialoga com a arte popular, o naïf e a chamada arte singular. Suas obras são desenvolvidas em diferentes suportes e técnicas, como aquarela, cerâmica, pintura-objeto, arte têxtil, azulejaria e instalações, frequentemente incorporando materiais reciclados e elementos naturais.

Sua atuação se estende também à curadoria e à gestão cultural. Ao longo dos anos, participou de exposições no Brasil e no exterior, com presença em países como França, Portugal, Canadá e Polônia, em mostras dedicadas à arte naïf e autodidata, mas também de arte contemporânea.

ES Hoje: Como define a escolha das técnicas em suas obras?

Marinilda Boulay: De maneira fluida e com bastante liberdade. Tenho a sorte de ter acesso e afinidade a muitas técnicas e materiais, como tintas a óleo e acrílica, aquarela, guache, pastel, arte têxtil, bordado, costura, a argila/cerâmica, etc. Além da natureza, que me envolve, e elementos que reutilizo como os descartes da usina têxtil da nossa cidade.



“Angela Gomes artista do ES, que tanto fez para a exportação da nossa produção naïf na Europa”

Essas técnicas desenvolvi de maneira autodidata, e em contato com mestres e mestras, como minha própria mãe, que também era artista. Essas técnicas dão suporte ao meu trabalho artístico, a escolha delas vem naturalmente segundo a que mais responde à intenção de cada obra.

Qual o papel dos materiais naturais e reciclados no seu trabalho?

Vivo em contato direto e cotidiano com a natureza, tendo acesso em abundância com folhas, flores, terra de diferentes tonalidades, beija-flores, orquídeas, borboletas, etc, que aparecem nas minhas produções, e que me inspiram. Com esses materiais produzo obras com suportes mais clássicos como telas, mas também produções com métodos mais contemporâneas de técnicas mistas, e projetos coletivos com o grupo de estudos em artes visuais do qual participo o “Grupo Matilha”, por exemplo.

De que forma a curadoria impacta sua produção artística?

Como sou artista, curadora e pesquisadora, vivo a curadoria de maneira mais ampla, tanto quando participo de um projeto enquanto artista, como quando participo enquanto curadora. Essa vivência permite um melhor diálogo e entendimento das propostas curatoriais quando crio uma obra para uma exposição em sintonia com o tema proposto pelos curadores. Quando sou eu a curadora, ou participo de uma equipe curatorial, minha produção artística me ajuda na construção do conceito e narrativa das exposições, e a melhor situar os artistas, muitas vezes desafiando as narrativas dominantes e propondo novas visões sobre as suas produções, com a qual também tenho intimidade.

Como a arte naïf é recebida fora do Brasil?

Temos vários espaços para a arte naïf e a arte brasileira na Europa, onde venho desenvolvendo um trabalho de difusão da nossa produção visual há vários anos, sobretudo, na França onde vivi, estudei e trabalhei 12 anos. Sou PhD em Estudos Portugueses e Brasileiros pela Sorbonne Paris III. Es-



Na Europa Marinilda Boulay desenvolve um trabalho de curadoria e difusão com todos os públicos

sa vivência me ajudou a entender melhor como é recebida e articulada nossas produções lá fora, e em especial na França, país onde nasceu o termo “naïf” associado à produção artística do Henri Rousseau no final do século XIX, início do século XX. Essa construção vem de longa data, devemos lembrar de grandes embaixadoras da arte naïf, e dos artistas autodidatas na França e Europa que foram por exemplo a galerista e mecenas, Ceres Franco, hoje temos um Museu com seu nome, e com seu acervo na cidade francesa de Montolieu. Na cidade de Laval onde nasceu Henri Rousseau temos o MANAS, Museu de Arte Naïf e Singular, na coleção do qual temos vários artistas brasileiros graças às ações da artista brasileira Iracema Arditi, que está inclusive na criação do Museu do Sol de Penápolis-

-SP, também dedicado à produção naïf e contemporânea. Aqui incluímos Angela Gomes artista do ES, que tanto fez para a exportação da nossa produção naïf na Europa e em especial na Polônia.

Há diálogo do seu trabalho com o cenário artístico do Espírito Santo?

Sim! Esse diálogo já tem uma bela história, sobretudo, graças em grande parte à artista capixaba Angela Gomes, que foi nossa embaixadora em importantes exposições na Europa e, sobretudo, em Katowice na Polônia, onde ela foi premiada no Festival de Arte Naïf, e nos levou expor ao lado dela. Angela fez parte da exposição que organizei com a Galerie ER na França em 2025. Em 2023 ela recebeu o Prêmio Totem das Cores como Incentivadora da Arte Naïf na MITC, Mostra Inter-

nacional Totem das Cores. Nessa mesma edição da MITC, o coletivo Ubuntu de São Mateus, ES recebeu o prêmio Incentivo. Todos os anos na Mostra temos a participação de vários artistas do Espírito Santo. Enquanto artista sou representada no Brasil pela Galeria Angela Gomes, em Vitória. Estou com ela e Mônica Kruger na exposição coletiva “Elas” de artistas mulheres na Casa de Pedras em Nova Venécia. Penso que temos ainda muito caminho a percorrer, envolvendo o cenário artístico do Espírito Santo!

“Minha produção artística me ajuda na construção do conceito e narrativa das exposições”

DIVULGAÇÃO